

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA: UMA PROPOSTA A PARTIR DO USO DE *CORPORA* DE FALA

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda*
Tatiane Abrantes da Silva**

Resumo

Baseando-se no aporte teórico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972, 1982, 1994, 2001) e no tratamento que vem sendo conferido à variação linguística no contexto de ensino-aprendizagem da língua materna, este trabalho tem como objetivo propor uma nova metodologia que favoreça a formação crítica dos alunos. Conforme será demonstrado, a nossa proposta consiste na consideração de fragmentos de *corpora* de fala, ou seja, acreditamos que o uso de dados linguísticos reais pode contribuir substancialmente para a desmistificação do preconceito linguístico e para a consequente formação crítica por parte dos discentes.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação linguística. Preconceito linguístico. *Corpora* de fala.

INTRODUÇÃO

A partir da detecção de incoerências teóricas e práticas nos materiais didáticos dedicados aos Ensinos Fundamental e Médio, este trabalho tem como objetivo propor reflexões que consigam, de fato, desencadear resultados positivos na formação crítica dos estudantes em relação à variação linguística. Como podemos observar, o preconceito linguístico não está ainda totalmente dissociado do ensino de língua. Além de outros fatores, o que constatamos, mais pontualmente, são ocorrências da presença deste nos materiais dedicados especificamente ao tratamento da variação linguística. Essa situação vai de encontro à forma como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) preveem que a variação da língua seja tratada. Para o programa do Governo Federal, é essencial que as escolas lancem mão de um ensino mais contextualizado de maneira a formarem cidadãos mais críticos e preparados para lidarem com as situações reais que irão vivenciar.

Com base no que foi observado, mesmo com essa pertinente preocupação dos PCNs, ainda não é possível dizermos que haja um tratamento sistemático da variação linguística em sala de aula. Face ao problema encontrado, este trabalho tem como objetivo propor reflexões que englobem, de maneira satisfatória e contextualizada, o estudo

* Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. patriciacunhafj@ig.com.br.

** Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciada em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. abrantestatiane@gmail.com.

das variedades não-padrão da língua portuguesa. Nossa proposta é levar, através dos *corpora* de fala, a variação linguística para a sala de aula, fazendo cumprir, assim, o que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem e ajudando, sobremaneira, na construção da real noção de variação linguística para os discentes.

1 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

As instituições de ensino que se pautam no ensino de cunho formalista tratam do estudo da língua de forma estrutural. É a Gramática Tradicional que guia os ensinamentos da língua nesse contexto. Esse modelo de gramática é considerado um manual de normas de bom uso da língua, a partir do qual deveríamos entender por “bom uso” a variedade padrão. A partir do “estabelecimento” do estereótipo “padrão”, uma visão preconceituosa da língua passou a ser moldada. A Gramática Tradicional é pautada em exemplos clássicos da literatura e desconsidera o uso da língua em situações reais de produção. Dessa forma, representa os fatos da língua como sendo definitivos, estáticos e impassíveis de alteração. Estabeleceu-se, então, com a visão formalista de ensino, a noção de certo x errado, que é praticada, até os dias de hoje, em muitas escolas brasileiras.

A partir de princípios definidos pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) - Lei nº 9.394/96, o Ministério da Educação, em conjunto com professores de todo o Brasil, reuniu todas as características disciplinares que seriam consideradas básicas e indispensáveis para a formação dos jovens. Com os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante também PCN), instituídos no final da década de 1990, o Governo Federal tenta fazer com que aquele ensino pautado em realidades paralelas atenda-se a um objetivo maior: desenvolver nos alunos

as competências necessárias a uma interação autônoma e participativa. Desta forma, o foco passa a ser um melhor desenvolvimento do letramento do discente, i.e., “(...) o domínio das práticas sociais de leitura e escrita que circulam em seu meio, com vistas a uma inserção participativa, consciente e crítica na comunidade linguística” (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007, p. 89).

A gramática, antes vista como um manual de regras, surge agora da reflexão com base no conhecimento intuitivo que os falantes já possuem sobre sua própria língua. Essa nova perspectiva objetiva dar ao aluno um domínio consciente de processos linguísticos que ele já domina inconscientemente e de outros que ele ainda não domina. Como destacam Oliveira & Cezario (2007), os PCNs ressaltam a importância de se trabalhar a noção de variação linguística em sala de aula, desconstruindo a imagem do certo x errado, instituída pela gramática tradicional. Nesse sentido, os PCNs sugerem que, em sala de aula, sejam trabalhados textos diversificados de maneira a desenvolver a competência comunicativa dos discentes. A partir desse direcionamento, vemos, portanto, que os PCNs passam a incorporar também as contribuições mais recentes dos estudos linguísticos.

A partir da 2ª metade do século XX, há uma ruptura dos modelos estruturais. Questionamentos acerca da visão da língua como forma começam a ser feitos e, com isso, surge o funcionalismo. Nos estudos anteriores, o uso havia sido deixado de lado e sempre havia uma idealização em alguma instância da análise:

Os funcionalistas criticam o formalismo pelo fato de os formalistas estudarem a língua como um objeto descontextualizado, sem levar em consideração os falantes – ouvintes ou as circunstâncias nas quais a língua é usada. Para os funcionalistas, a língua não pode ser desvinculada de suas relações com as diversas maneiras de interação social. Para Votre e Naro (1989, p. 170-171), por exemplo, a forma da língua origina-se do uso da língua, da comunicação na situação social. (OLIVEIRA, 2003, p. 96-97)

Para os estudiosos desta vertente, a forma deve estar veiculada à sua função dentro da língua. Não é mais a Metáfora do Conduto – a qual não leva em consideração o mundo social – que permeia os estudos, mas sim a Metáfora do Iceberg. Nas palavras de Koch (1997, p.25), esta última é descrita como:

[...] todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimentos e a ativação de processos e estratégias cognitivas interacionais. (KOCH, 1997, p. 25)

De maneira a ilustrar a Metáfora do Conduto, temos que:

[...] as expressões linguísticas são como recipientes onde colocamos as idéias e todo tipo de informações, estas idéias e os significados são objetos, ou coisas, e a comunicação linguística seria o envio e a recepção de pacotes de informação através de um duto, um canal condutor. (ORGADO, 2008, p.7)

O funcionalismo linguístico contribuiu, e continua contribuindo, muito para a mudança de perspectiva no ensino da língua. Como mencionado anteriormente, a visão funcionalista incorporou ao ensino o desenvolvimento de algumas competências linguísticas as quais não eram levadas em consideração pelos estudos anteriores, ou seja, a formação de alunos prontos para atuar linguisticamente, de forma autônoma e consciente, nas mais diferentes situações interacionais. Os contextos reais de produção passam a ser fatores integrantes nas aulas de português, i.e., os professores precisam apresentar aos alunos os gêneros textuais que permeiam as situações reais com as quais eles poderão entrar em contato, seja no âmbito escolar ou não. Nesse sentido, é relevante ressaltar que, segundo Marcuschi (2008, p. 155), “gênero textual se refere aos textos materializados em situações comunicativas

recorrentes”. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Seguindo a abordagem funcionalista do ensino aplicada aos PCNs, ao professor não basta mais “saber a gramática”. É preciso que o docente tenha capacidade de desenvolver e aprimorar a utilização de recursos verbais, orais e escritos. É necessário que o professor seja capaz de projetar os estudos da estrutura gramatical inseridos em um contexto situacional real.

2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: DESMISTIFICAÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A partir dos questionamentos propostos pelo funcionalismo a partir da segunda metade do século XX, a língua passou ser entendida como objeto contextualizado, passível de variações e mudanças e determinado socialmente (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Assim, com base nessa nova perspectiva linguística, surgiram diferentes abordagens teóricas acerca da língua. Entre elas, está a Sociolinguística Variacionista, teoria que fundamentará as discussões promovidas neste trabalho. Tal teoria considera a língua não como uma estrutura homogênea, mas “como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática”. Dessa forma, a heterogeneidade linguística seria reflexo da heterogeneidade social.

Considerando a importância da noção de variação para a realização deste trabalho, apresentaremos brevemente quais são as diferentes perspectivas em que pode ocorrer variação. De acordo com Coseriu (1980),

existem quatro tipos de variação linguística. São eles: a) variação diacrônica ou temporal; b) variação diatópica ou regional; c) variação diastrática ou social; d) variação diafásica ou estilística.

A variação diacrônica ou temporal faz referência às mudanças ocorridas ao longo do tempo. É possível observar com mais clareza este tipo de variação quando analisamos textos de séculos distintos. Quanto mais distante da nossa realidade discursiva, mais aparentes as variações diacrônicas se tornam.

O segundo tipo de variação considerado por Coseriu (1980) é o chamado diatópico ou regional, o qual caracteriza as diferenças lexicais (de vocabulário), fonéticas (de pronúncia) e morfossintáticas (referentes à construção gramatical) apresentadas por falantes de diferentes regiões que compartilham a mesma língua.

Já a variação diastrática ou social é uma referência direta às diferenças reconhecidas na linguagem dos mais diversos grupos sociais que compartilham uma mesma língua. Nesse contexto, alguns fatores são vitais para o desencadeamento de processos de variação linguística, tais como: classe social, grau de escolaridade, idade, sexo, etnia, profissão, entre outros. Ainda vale a pena ressaltar que a oposição linguagem culta x linguagem popular tem origem na influência da posição social, que se encontra aliada intimamente ao grau de escolaridade.

A variação diafásica ou estilística, por sua vez, faz referências às situações cotidianas que circundam o indivíduo. Ou seja, de acordo com a circunstância ao qual está submetido – contextos mais ou menos formais –, o falante faz as suas escolhas. Nesse caso, as diferenças linguísticas são determinadas pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala.

Com base nas perspectivas de variação apontadas por Coseriu (1980), podemos entender as variedades linguísticas como um meio de construção da identidade linguístico-social dos falantes. Uma vez

que a Sociolinguística Variacionista aponta a língua não como objeto autônomo e descontextualizado, mas sim como um fenômeno eminentemente social, é possível afirmarmos que características de qualquer natureza marcam, de maneira substancial, a linguagem. Portanto, as diferentes variedades linguísticas atuam na construção da identidade linguístico-social de suas respectivas comunidades de fala.

Sob essa perspectiva, fica bastante evidente que a norma culta não é a única variedade a ser considerada, principalmente no contexto escolar. Entretanto, o grande problema que tem sido observado, ao longo do tempo, é a ocorrência de preconceito linguístico, em que se maximiza a importância atribuída à norma culta. De encontro ao preconceito linguístico vai justamente a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), instituídos no final dos anos 90. Através dos PCN, o Ministério da Educação tenta fazer com que os reais contextos de uso da língua passem a fazer parte, de maneira mais efetiva, das aulas de língua portuguesa. Sendo assim, esta abordagem de ensino, que tende a abarcar, inclusive, as variedades da língua, seria uma tentativa de romper com a barreira do preconceito:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim quando se fala em 'Língua Portuguesa' está se falando de uma unidade que se constitui de variedades. (BRASIL, 1998)

Vemos, portanto, que os PCN, ao proporem que se discuta a variação linguística em sala de aula, contribuem para uma postura incluyente, de forma a desconstruir os paradigmas padrão x não-padrão, certo x errado, culto x popular. Fato é que, mesmo com toda essa discussão acerca da importância da variação linguística, ainda nos falta formar mais professores com a visão funcional de ensino. Além disso, faltam materiais didáticos e dinâmicas que permitam uma

abordagem da variação linguística de forma mais pontual e contextualizada.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DO USO DE *CORPORA* PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Objetivamos, nesta seção, discutir a importância dos *corpora* no cenário linguístico atual a partir de uma contraposição entre os modelos formalista e funcionalista. Vale ressaltar aqui que, anteriormente, chamava-se *corpus* toda e qualquer coletânea de textos. Atualmente, para que um conjunto de textos seja caracterizado como *corpus*, é preciso que esses sejam provenientes de situações reais de uso e que sejam, também, representativos de determinada língua ou variedade linguística. A esse respeito, Baker (1995) acrescenta o seguinte:

Hoje, *corpus* significa, principalmente, uma coletânea de textos agrupados em formato de arquivo eletrônico e capazes de serem analisados automática ou semi-automaticamente de diversas maneiras: um corpus pode conter um grande número de textos de diversas fontes, de vários informantes acerca de diferentes assuntos. O que importa é que sejam compilados com um propósito e que sigam critérios específicos de maneira a assegurar a representatividade da área ou amostra de língua que se propõe. (BAKER, 1995, p. 225)

Como vimos anteriormente, os modelos formalistas priorizavam o estudo da língua sob a perspectiva da forma, ou seja, para esses modelos, a língua era vista de maneira abstrata e idealizada, uma vez que não eram consideradas as situações reais de fala e interação. Nesse contexto – também conhecido como “Era da Forma” (Fauconnier; Turner, 2002) –, o uso de *corpora*, tanto de fala como escritos, não foram levados em consideração, já que tudo o que poderia estar associado ao ato comunicativo era imediatamente descartado pelos teóricos formalistas.

Já na segunda metade do século XX, o funcionalismo – também conhecido como “Era da Imaginação” (Fauconnier; Turner, 2002) – rompe com os paradigmas formais e dá mais atenção à forma vinculada à sua real função na língua. Nesse contexto, as projeções de uso da língua a partir de um falante-ouvinte ideal, promovidas pelo modelo então vigente, caem por terra. Tendo em vista o modelo funcionalista de linguagem, é totalmente possível pensarmos nos *corpora* como ferramenta-fonte do trabalho desempenhado pelos professores em sala de aula. Uma análise dos dados de fala, em situações reais de interação, permite que consigamos ilustrar, de maneira profícua, a língua e suas variedades. Sendo assim, tendo todo o acervo disponível para consulta em bancos de dados abertos ao público, podemos questionar o porquê de ainda encontrarmos, nos livros didáticos ou em atividades isoladas, textos que retratam uma realidade ficcional e estereotipada. Com base no exposto, podemos fazer a seguinte pergunta: de que maneira pode-se contribuir, de forma positiva, para que esse ensino conservador e reiterador de velhas práticas seja, aos poucos, substituído pela proposta dos PCNs? A resposta para esta pergunta seria: devemos fazer o uso dos *corpora*, tanto de fala quanto de escrita, para que possamos trazer a realidade para a sala de aula e tratar, dessa forma, a língua de maneira contextualizada.

4 UMA PROPOSTA DE APLICAÇÃO DE *CORPORA* SOCIOLINGÜÍSTICOS NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA

Esta seção será dedicada à apresentação de propostas de reflexões de natureza linguística que tenham como base os *corpora* de fala dos projetos “Norma Linguística Urbana Culta/RJ (NURC-RJ)” e “Mineirês: a construção de um dialeto”, que estão,

inclusive, disponíveis para consulta *online*: o *corpus* do Projeto NURC-RJ está disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>, e o *corpus* do Projeto “Mineirês: a construção de um dialeto” está disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. O NURC-RJ é um projeto coordenado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, voltando-se para a descrição da variedade culta da língua portuguesa na cidade do Rio de Janeiro. O banco de dados constitui-se de entrevistas sociolinguísticas gravadas nas décadas de 1970 e 1990 e do registro de algumas aulas ministradas. Nesse *corpus*, podemos encontrar, para cada entrevista, informações como idade e sexo dos informantes. O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela professora Jânia Ramos na Universidade Federal de Minas Gerais e tem por objetivo descrever as especificidades do dialeto mineiro. No acervo, podemos encontrar disponíveis para consultas *online* entrevistas controladas sociolinguisticamente, o que quer dizer que encontramos dados reais de fala que carregam consigo características como a faixa etária, o sexo e o grau de escolaridade dos informantes envolvidos.

As sugestões de reflexões baseadas em *corpora* que apresentamos terão como foco os tipos de variação linguística, tal como postulados por Coseriu (1980). A intenção é mostrar que é possível levar para a sala de aula a perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que pressupõem, como discutido na seção 1, um ensino contextualizado. Fazemos aqui apenas uma ressalva: em relação à variação diafásica ou contextual, não encontramos, nos *corpora* analisados, ocorrências que a representassem. Portanto, neste caso, mesmo na ausência de exemplos retirados de *corpora*, apresentamos um caminho de reflexão que poderia ser explorado pelos docentes de língua portuguesa em sala de aula.

4.1 VARIAÇÃO DIATÓPICA OU REGIONAL

Como vimos, a partir da observação da variação diatópica ou regional, podemos perceber características linguísticas de diferentes regiões. Propomos, aqui, uma reflexão acerca das variedades regionais, de maneira que o aluno perceba, com base em dados de fala reais, o que difere um “falar” típico do Rio de Janeiro (RJ) e um “falar” típico de Belo Horizonte (MG), por exemplo. É importante ressaltar que o que chamamos aqui de *típico* não deve ser visto como estereotipado ou preconceituoso, mas sim como construção de identidade. Somente chamamos atenção para o fato de que cada região possui características comuns a muitos falantes que nela se encontram e, dessa forma, constroem uma identidade regional. Para esta proposta com foco na variação diatópica ou regional, selecionamos fragmentos dos *corpora* que compartilham o grau de escolaridade, o sexo do falante e o grau de formalidade da situação de produção, e o tema a ser debatido – profissão –, de maneira que teremos em voga somente o que concerne à variação regional.

LOC. – Olha, eh, a profissão é o tipo de coisa que a gente vai escolhendo de acordo com as opções e as oportunidades que a gente vai tendo, né? Dentro da biologia, eu acho que me surgiu essa oport... oportunidade de eu começar a fazer biologia por um fato, eh, talvez vocacional e talvez de oportunidade mesmo, porque eu já trabalhava no ramo. Eu já era professora primária. Eh, a oportunidade que a gente tem dentro da profissão eu acho que é muito pouca. É bem, eh, o mercado faz com que haja uma seleção assim rigorosa, as oportunidades vão sendo cada vez mais difíceis e eu acho que o biólogo, principalmente o cara que se dedica à parte de pesquisa, está muito prejudicado.
Diálogos entre informante e documentador (DID /070)
Inquérito 0070 - Data do Registro: 04 de Julho de 1972

Quadro 1 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto NURC-RJ

Pois é. Sempre que ce fala em Fisioterapia, ou até eu mesma quando pensei (risos) em fazer Fisioterapia, eu pensei em fazer por causa da ortopedia, a gente tem a idéia daquela clínica, aquela pessoa que operou alguma coisa, que ta com uma dorzinha no ombro e que vai lá + pra poder + ficar fazendo 1-2, 1-2, 1-2. Aí, a medida que o curso vai passando, ce vai aprendendo uma monte de coisa, ce vê que a profissão tem um tanto de área que você nem imagino E hoje, a ortopedia, que foi o que me levô a fazê fisioterapia, é assim o que eu odeio, o que eu tenho certeza que não vô fazer na minha vida de jeito nenhum, anão ser cla::ro que eu tenha muita necessidade + de emprego disso. Mas assim, (suspiro) o que eu pretendo fazer é nunca mexer com ortopedia e me encantei pro duas outras áreas, que é a pneumologia e principalmente a neurologia e que é assim, que é o que eu invisto agora na minha vida de faculdade.

Entrevista BH05

Quadro 2 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto Mineirês

A partir da apresentação desses dois fragmentos, juntamente com as explicações do professor, acreditamos que será possível coletar as impressões dos alunos acerca das especificidades que caracterizam a variedade regional representada por cada texto. Nesses excertos, podemos observar, por exemplo, registros de *vô* (vou), *cê* (você), *imaginô* (imaginou), *levô* (levou), entre outros, que são características marcantes do “falar” mineiro. Com a identificação dessas nuances, podemos elencar as peculiaridades do falar da região de Belo Horizonte. Sendo assim, a partir da reflexão feita conjuntamente com os alunos, será possível construir um conceito de variação regional.

4.2 VARIAÇÃO DIACRÔNICA OU TEMPORAL

Para levar a variação diacrônica ou temporal de maneira contextualizada para a sala de aula, proporemos um recorte temporal real, usando o *corpus* NURC-RJ, de um espaço de 20 anos. Para tal, o projeto entrevistou pessoas nas décadas de 1970 e 1990, conseguindo, dessa forma, mesmo coletando dados de um espaço

de tempo relativamente pequeno, ilustrar as mudanças ocorridas nesse ínterim. Proporemos, então, o uso de dois fragmentos produzidos pela mesma pessoa, um na década de 1970 e outro na de 1990.

Agora estão surgindo essas refeições prontas, né? Já vão fazer aqui fábricas de congelados, você já compra até nas bombas de gasolina, coisa que nos Estados Unidos já tem há muito tempo, eu já morei lá dois anos, são mais bem preparados, porque agora nós estamos começando a fazer aqui, não é falta de patriotismo, é verdade. Ago... acho muito ca... caro no Brasil ainda. Tudo que é enlatado assim ninguém compra muito por causa do preço, eu acho que se barateassem facilitava muito a vida. Acho que, não acho ruim o gosto não. Geralmente não é como o feito em casa, mas quem é que tem tempo mais? Quase ninguém tem empregada, não é, a gente tem que acompanhar os países mais civilizados mesmo, estamos caminhando pra isso.

Diálogos entre informante e documentador (DID)
Inquérito: 0002 - Data do Registro: 18 de outubro de 1971 -
Idade do Informante: 44 anos

Quadro 3 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto NURC-RJ

Aquele negócio de fazer aqueles docinhos, aquelas coisas, que quando eu era criança tinha aquelas empregadas que mandavam a gente ir pra sala, porque ficava feio uma moça na cozinha: Sai da cozinha! Um absurdo completo né, mas em, há quantos anos isso, há cinquenta anos atrás, então, mudou muito. No colégio Sion aprendi só a servir chá, e arrumar jarra.

Diálogos entre informante e documentador (DID) - Recontato
Inquérito: 002 - Data do Registro: 02 de julho de 1992 - Idade do Informante: 65 anos

Quadro 4 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto NURC-RJ

A partir da apresentação desses fragmentos, será possível mostrar aos alunos que, mesmo em um recorte temporal relativamente pequeno, as mudanças são perceptíveis. Com base nessas produções, os alunos poderão observar, por exemplo, que, na década de 1970,

havia mais ocorrências da forma pronominal “nós” do que na produção da década de 1990, na qual há a predominância de “a gente”. Nesse contexto, seria válido o professor ressaltar que esses excertos foram produzidos por uma mesma pessoa, em 20 anos. Ou seja, explicar que o informante incorporou as mudanças linguísticas recorrentes que passaram a caracterizar a comunidade linguística da qual ele faz parte.

4.3 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA OU SOCIAL

Assim como nas propostas anteriores, aqui apresentáramos aos alunos fragmentos comparativos que contenham nuances que permitam observar as diferentes características de cada aspecto diastrático – em particular idade, sexo do falante e grau de escolaridade.

A) IDADE DO FALANTE

Para este fator, propomos a apresentação de fragmentos produzidos por falantes do mesmo sexo e grau de escolaridade e em condições de produção semelhantes, de maneira a isolar o fator idade para uma análise mais específica.

Minha casa no Leblon, a minha primeira casa no Leblon era uma casa de dois quarto... Apartamento. Dois quartos, sala, cozinha, banheiro e dependências de empregada. Depois, eu me mudei prum apartamento maior também no Leblon, na mesma rua, só que tem dois prédios adiante em frente à praia mesmo. Este era de lateral. Esse apartamento é grande, tem quatro quartos, sala, cozinha, banheiro, dependências de empregada...

Tem o meu quarto...

Diálogos entre informante e documentador (DID)

Inquérito: 048

Data do Registro: 17 de Abril de 1972

Idade do Informante: 25 anos

Quadro 5 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto NURC-RJ

Sei. O apartamento, o apartamento em que eu moro não é o ideal. Mas foi onde eu consegui arranjar para residir, embora tenha, tenha uma das coisas mais fabulosas que eu entendo, que é a recreação, de modo que depois do dia de labor, do dia de aflições, de muita luta é bom que a gente se recolha num lar onde pelo menos tenha alguma coisa que a, a gente goste e eu moro num lugar assim. Alto, e de onde se divisa um panorama belíssimo, viu? De lá eu contemplo os aviões decolando, embora eu não possa viajar pra distâncias muito grande, longe, mas pelo menos eu vejo o avião saindo, isso é interessante. De modo que de lá em contemplo o, o Galeão, os aviões deixando o Brasil, rumando para terras longínquas.

Diálogos entre informante e documentador (DID)

Inquérito: 0114

Data do Registro: 12 de Outubro de 1972

Idade do Informante: 50 anos

Quadro 6 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto NURC-RJ

O uso de fragmentos como os apresentados acima permitirá aos alunos identificar as especificidades pertencentes a cada faixa etária de maneira eficaz e pontual. Como podemos verificar acima, o falante de 25 anos faz uso de expressões mais corriqueiras e informais – *pequenininho*, por exemplo – com marcações de redução (*prum*), uso de marcadores discursivos e hesitações. Já o senhor de 50 anos apresenta, em sua fala, expressões mais formais e bem menos usuais – como, por exemplo, *residir*, *labor*, *contemplo*, *terras longínquas* –, e discurso sem hesitações. Essas são somente algumas das características facilmente encontradas nos excertos apresentados.

Além disso, o professor poderia pedir aos alunos que fizessem seus próprios *corpora* em casa: entrevistar parentes que estejam nas faixas etárias propostas pelo *corpus* do NURC-RJ e listar as diferenças percebidas durante o processo de transcrição.

De maneira simples e contextualizada, seria possível guiar a detecção dessas nuances pelos alunos, ajudando, dessa maneira, na formação de indivíduos mais críticos, uma vez que lidariam diretamente com dados reais.

B) SEXO DO FALANTE

Para a formulação desta proposta de reflexão junto aos discentes, iremos isolar os fatores idade e grau de escolaridade, selecionando, mais uma vez, fragmentos produzidos em um mesmo grau de formalidade.

Eu veju u seguinte é quem ta im interior si pur acaso é percebe tem uma pessoa di fora qui ta im depressão elis num pensam im psicólogo Elis pensam im psiquiatra intão eu qui isso é uma coisa qui ta na grandi cidadi tamém si você ta depressivo si ocê ta duenti tem qui i no psiquiatra po0que o psiquiatra vai ti dá um remedinho i ocê vai melhora com isso i na verdadi num é isso essi remedinho vai ajuda mais i depois com' é qui fica cê tem qui tê um suporti cê tem qui tê um um alicerci qui vai ti sustenta naquilo i fazê cê num caí dinovo i eu achu qui é psicologia qui dá essi suporti.

Entrevista BH01
Sexo Feminino

Quadro 7 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto Mineirês

E a cidade + essa cidade ela é uma cidade só nos principais
{ } que ela tem claridade. Mas pra :: ... os canto dela é tudo escuro aí o pessoal ficou muito preocupado e tal :: pur ser cidade do interior e ser vale do Jequitinhonha é meio perigosa. Então é :: aí quando (riso) pra falta de sorte dele quando o pai dele e a mãe e a / o pai de / a mãe dela e a mãe dele foi procurar ele encontra eles descendo aí foi aquela falação danada né? Mas normal.

Entrevista BH02
Sexo Masculino

Quadro 8 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto Mineirês

Através da contraposição desses fragmentos, será possível mostrar aos alunos que o fator sexo dos falantes está diretamente relacionado ao uso da língua. Sendo assim, caberia ao professor guiar os estudantes para a observação de aspectos como o uso de diminutivos no texto do informante feminino (como “remedinho”) e de aumentativos na fala de informantes do sexo masculino (como em “falação”) e, assim, fazer com que percebam as ocorrências da variação diastrática no contexto social.

C) GRAU DE ESCOLARIDADE

Neste ponto, proporemos a seleção de textos produzidos por falantes da mesma idade e sexo, nos quais somente o grau de escolaridade é fator diferencial para a produção oral, de maneira a darmos destaque para o aspecto que queremos abordar.

[...] agora eu passo é por aqui, ele virou pra mim e falou: eu também vou passar com vovó, eu também vou passar com vovó, aí viemos subindo e nós conversando sobre vida, ele me perguntando sobre, aí quando eu contando pra ele que meu / minha vida era lavar roupa, lavava roupa aí ele me perguntou pra quem que a senhora lavava, a senhora () e a sua mãe, aí eu disse pra ele que era pra estudantes e para os (?) a família (NP) que nós lavava, aí quando eu cheguei quase perto me minha casa, tinha uma casa, tinha uma porteira que passamos, aí quando nós abrimos a porteira, porteira rinchou ((*barulho da porteira*)) aí ele virou pra mim e falou: espera vovó eu vou gravar aqui vou fazer a a....

Entrevista OP07
Grau de Escolaridade: 1º grau incompleto

Quadro 9 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto Mineirês

Então, o ministério da Educação e Cultura cuida dessa parte toda de, de educação, tanto do pré-escolar, a partir do, iniciando o pré-escolar, até os cursos de pós-graduação. E depois o da Saúde, essa parte toda de, de apoio à população quanto à parte de assistência à saúde. Depois, acredito, os três ministérios militares, dou muito valor aos três: ministério da Aeronáutica, da Marinha e da Guerra. O do Planejamento, criado após mas também muito importante, porque se não foi bem planejado nada é bem executado, da sa... Viação e Obras. Qual mais? É, não lembro mais.

Diálogos entre informante e documentador (DID)

Inquérito: 0346

Data do Registro: 09 de Novembro de 1976

Grau de Escolaridade: Ensino superior completo

Quadro 10 - Fragmento retirado do banco de dados do Projeto NURC-RJ

Os excertos selecionados nos permitem traçar as diferenças entre os distintos graus de escolaridade. O primeiro, produzido por um informante menos escolarizado, é permeado por construções típicas da variedade não-padrão (como a ausência de concordância, por exemplo, em “Nós lavava”). Já o segundo excerto, produção de um falante de nível de escolaridade superior completo, engloba características mais marcantes da variedade padrão, como, por exemplo, presença de concordância, como ocorre em “os três ministérios militares”.

Face ao exposto, é possível dizermos que, a partir do uso destes *corpora*, é possível levar os alunos à reflexão, de maneira a fazer com que consigam perceber as particularidades pertencentes a cada aspecto da variação diastrática.

4.4 VARIAÇÃO DIAFÁSICA OU CONTEXTUAL

Esse tipo de variação pode ser muito bem explorado na sala de aula através da contraposição entre diferentes contextos de formalidade aos quais os alunos terão que se adaptar durante a vida. Esse momento é ideal para ilustrarmos o que queremos

dizer com a ideia de sermos políglotas em nossa própria língua. Através da exposição de diferentes gêneros da modalidade oral, podemos expor os discentes ao desafio de escolherem, dentre os graus de formalidade da língua que já conhecem, o uso daquele que julgar procedente. Como sugestão de reflexão por parte dos discentes, propomos a apresentação de um excerto de um *corpus* de fala de entrevista e, a partir de uma análise feita em conjunto com os alunos, traçaríamos um perfil de comportamento linguístico e social daquele falante. Em seguida, o professor poderia sugerir que os estudantes se reunissem, com suas anotações em mãos, de maneira a tentarem traçar um perfil de comportamento linguístico-social em outro gênero proposto como, por exemplo, o gênero palestra. Com base nas situações propostas pelo professor, interessante seria fazer um índice comparativo que contivesse itens como grau de formalidade (maior ou menor que o primeiro *corpus* apresentado) e comportamento social do falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, acreditamos ser possível fazer com que a proposta dos PCN – de levar conhecimento através de textos construídos socialmente – seja realmente cumprida. As reflexões que propusemos têm a intenção de ilustrar a aplicação dos *corpora* em sala de aula, de maneira a fomentar o uso das diversas possibilidades de aproveitamento dessa ferramenta. Sugerimos, ainda, que essas dinâmicas sejam acompanhadas, sempre que possível, de atividades de análise que possam contribuir com a reflexão e a formação crítica dos discentes. Valemo-nos dos excertos de maneira a ilustrar que a produção dos informantes incorpora características de cada um dos aspectos apresentados, comprovando, dessa forma, que o comportamento socialmente construído é diretamente refletido na produção textual.

Defendemos aqui que, com a introdução desses bancos de dados no conteúdo programático das escolas, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais pode ser cumprida de maneira profícua. Ao apostarmos nessa metodologia, seria possível pleitearmos a desconstrução do preconceito linguístico que permeia o ensino de língua ainda pautado na visão formalista de linguagem. Além disso, como acreditamos, a mudança de foco *certo x errado* para *adequado x inadequado* de acordo com o contexto contribui, sobremaneira, para que o aluno reconheça sua variedade linguística como legítima e nela perceba os aspectos diastráticos, diafásicos, diatópicos e diacrônicos.

LINGUISTIC VARIATION IN THE MOTHER TONGUE TEACHING-LEARNING PROCESS: A PROPOSAL BASED ON ORAL *CORPORA*

Abstract

Based on theoretical assumptions of Variationist Sociolinguists (Labov, 1972, 1982, 1994, 2001) and on the treatment that has been given to the linguistic variation in the mother tongue teaching-learning process, this paper proposes a new methodology that foments the critical awareness of the students. As we demonstrate, our proposal consists in the analysis of some oral *corpora* fragments, in other words, we believe that the use of *corpus* data may contribute substantially to the demystification of linguistic prejudice and to the formation of a critical awareness in the students.

Keywords: Variationist Sociolinguists. Linguistic variation. Linguistic prejudice. Oral *corpora*.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. Corpora in Translation Studies: An Overview and some Suggestions for Future Research. *Target* 7.2, 223-243, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES T. C. *Português: linguagens, 6º ano*. 5ª Ed. Reform. São Paulo: Atual, 2009.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- _____. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- _____. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- COSERIU, E. *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1980
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.
- _____. *Building on empirical foundations*. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (ed.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p.
- _____. *Principios del cambio lingüístico*. Vol. 1. Trad. de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change*. Vols. 1 e 2. Malden/Mass: Blackwell, 2001.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA:
UMA PROPOSTA A PARTIR DO USO DE *CORPORA* DE FALA

MARCUSCHI, L.A. Processos de produção textual. In: _____ . *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. SP: Parábola, 2008. p. 146-225.

OLIVEIRA, L. A. Formalismo e funcionalismo: fatias da mesma torta. *Sitientibus*. Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, v. 29, p. 95-104, 2003.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. *Linguagem & Ensino* (UCPel), v. 10, p. 87-108, 2007.

ORGADO, G. T. M. A comunicação através da Metáfora do Conduto: transmissão versus interpretação da mensagem. *Scientia Traductionis*, v. 6, p. 1-12, 2008.

Enviado em 30 de abril de 2011

Aprovado em 02 de agosto de 2011